

OS CARTÉIS DA ESCOLA INTERCONTINENTAIS E BILÍNGUES

FOLHAS SOLTAS



N ° 4
JULIO 2024

Boletim aperiódico dos cartéis da Escola internacionais e bilíngues

*“Os analistas são sábios de um saber do qual não podem conversar”
Ato e saber do psicanalista.*

FOLHAS SOLTAS N ° 4

JULIO 2024

O CAOÉ, Colégio de Animação e de Orientação da Escola, tem o prazer de lhes apresentar a 3ª edição eletrônica da FOLHAS SOLTAS destinadas à circulação dos trabalhos dos "Cartéis intercontinentais e bilíngues" propostos pelo CAOÉ 2021-2022.

FOLHAS SOLTAS visa constituir um "espaço de ressonância" no seio de nossa Escola a partir das diferentes produções individuais desses cartéis; as Meia-Jornadas dos "cartéis do CAOÉ", como a de 16 de setembro de 2023, propõem uma outra ocasião de fazer quicar na Escola isso que os cartéis intercontinentais e bilíngues produzem. Publicamos assim nas FOLHAS SOLTAS N°4 os textos das intervenções desta meia-jornada que reuniu mais de 180 pessoas por ZOOM em torno do tema

**"Os analistas são sábios de um saber que não podem conversar:
Ato e saber do psicanalista."**

A série continuará com FOLHAS SOLTAS N°5: "A intensão da psicanálise ?" e FOLHAS SOLTAS N°6 "O advir analista e o ato psicanalítico" que publicará as intervenções da próxima meia-jornada dos cartéis do CAOÉ do dia 14 de setembro 2024

Esses cartéis e a transferência de trabalho que eles tornam possível, têm efetivamente permitido novos laços entre os membros da EPFCL e nos fez saber sobre a diversidade, particularidades locais, expansão sempre em movimento dos Fóruns das cinco Zonas da IF que se baseiam em um único princípio: a extensão da intensão da psicanálise, seja isso que mantém o próprio "do discurso analítico em ato nos tratamentos".

Ter a iniciativa, declarar um cartel e se engajar em transmitir isso que essa transferência de trabalho permitiu de produzir: é assim que para cada um, "fazer escola" não é uma palavra vã, pois todos estamos engajados em contribuir para a elaboração de um saber quanto ao princípio lógico e ético disso que "faz" um psicanalista capaz de sustentar a psicanálise.

Todos os Cartéis são da Escola, digamos, desde "O Ato de fundação" e abertos a todos. No entanto, os cartéis da Escola do CAOÉ, intercontinentais e bilíngues convidam precisamente os membros da Escola a realizar isso por estarem engajados a se inscreverem como parte interessada da EPFCL e da instância de seu objeto. Lembramos aqui os termos dos Princípios para uma Escola: se trata para um membro da Escola "de um engajamento específico que não é somente engajamento na psicanálise em intensão, mas, além disso, uma 'intensão' sem fronteiras". O CAOÉ continuou esta iniciativa dos cartéis e os sustenta com a chamada "Encontre seu cartel!", a organização das Meia-Jornadas, e as FOLHAS SOLTAS convidam os membros desses cartéis a esporem isso que suas experiências desses cartéis os permitiram produzir e buscamos traduzir nas 5 línguas da IF-EPFCL.

Agradecemos aos autores de terem podido localizar no enquadre da frase proposta, e de terem partilhado uma experiência de saber a partir desta provocação de Lacan.

Assim, se os psicanalistas “são sábios de um saber sobre o qual não podem conversar”, este limite, paradoxalmente, não os impede de pôr em ato no cartel esta impossibilidade, sem garantias disso que pode ser elaborado como ganho epistêmico, e isso na aposta de uma experiência de transmissão que precisa ser renovada, sempre.

Nossa Escola é internacional e fala múltiplas línguas, nossos dispositivos de trocas não seriam possíveis sem a disposição e o enorme trabalho das equipes de tradutores que agradecemos muito particularmente aqui. As diversas experiências com os tradutores, da IA, nos fazem apreciar ainda mais a disponibilidade deles: OBRIGADA!

O Colégio de Animação e de Orientação da Escola. CAOÉ : Carolina Zaffore, Dominique Fingermann, Ana Laura Prates, Rebeca García, Didier Castanet, Diego Mautino, Daphné Tamarin.

Obrigada à :

Anne Marie Combres (Fr), Sophie Rolland Manas (Fr), Beatriz Oliveira (Br), Lucília Maria Abrahão e Souza (Br) Dominique Fingermann (FR) , Didier Castanet (Fr) Daniela Salfatis (Br) Rebeca Garcia (Esp), Maria Laura Cury Silvestre (Br), Maria Claudia Formigoni (Br), Diego Mautino (It), Pedro Pablo Arevalo (Esp.), Susan Schwartz (Austr), Nathaly Ponce (Panama) , Glaucia Nagem (Br), Sebastián Báquiro Guerrero Susan Schwartz (Austr), Daniela Avalos (Engl), Devra Simiu (USA) , Gabriela Costardi (USA) , Nathaly Ponce (Panama) , Elisa Querejeta Casares, Diana Correa

SUMÁRIO

Apresentação p. 2

Marina Severini (Italie) : O “acteísmo¹” do analista p. 4

Andréa Franco Milagres (Brésil): Fazer das tripas coração p.7

Sophie Rolland-Manas (France) : Alguns pedaços de saber do cartel p.11

Julieta L. De Battista (Argentine.) : Rogaton: restos de saber p.14

Mónica Palacio (Colombie) : A propósito do saber do analista p.17

Ramon Miralpeix Jubany (Espagne) : « “os analistas são sábios de um saber que não podem conversar” Ato e saber do psicanalista.» p. 20

¹Este neologismo “acteísmo” junta “acto” e “ateísmo”. Em português brasileiro não temos essa grafia da palavra “ato”. A tradução manterá “acteísmo” e a palavra “acto” para fazer entender a constituição do neologismo.

Marina Severini



Marina Severini vive e trabalha em Macerata, uma pequena cidade no centro da Itália. Ela é AME da EPFCL e está na escola desde a sua fundação.

Participou do Colegio Internacional da Garantia ,CIG 2016-18.

Ela é membro fundador do Flal, Fórum Lacaniano na Itália. Atualmente, ela é delegada.

*Membros do cartel: "o final da análise ": Marina Severini Plus-Um - Clara Cecilia Mesa - Viviana Gomez
- Silvia Quesada - Annalisa Buccioli -
Andréa Franco Milagres*

O "acteísmo²" do analista

A proposta inicial que nos convocou como cartel intercontinental foi a de interrogarmo-nos sobre o final de análise e o passo de analisante a analista, quer dizer, o que Lacan chama "O ato analítico". Entre outros temas que atravessam esta questão do final, que no melhor dos casos termina em um "passe", nos revela a constituição do próprio cartel como instância pensada por Lacan enquanto dispositivo.

Isso nos conduziu, no início, a interrogarmos o lugar do "mais-um". Deixamos em suspenso a designação do "mais-um". Decidimos experimentar esta modalidade de cartel sem o mais um estabelecido de antemão. Apesar da decisão ter sido não designar o mais-um antecipadamente, isso não quer dizer que trabalhamos em nossos encontros sem "mais-um"; de fato, trabalhamos muito duro e nossas reuniões sempre foram muito interessantes. Isso se sustentou em algumas perguntas que nos formulamos na abertura de nossos encontros: é necessário designar um "mais-um" antecipadamente? Lacan se refere a este tema, em particular a esta função, em diferentes momentos de seu ensino.

Nas conclusões das Jornadas de 8 e 9 de novembro de 1975, Lacan faz uma referência nestes termos: "No que escrevi nada indica que o mais-um esteja encarnado. Talvez seja um mais-um que se desprende, que funciona efetivamente em todo grupo, porque finalmente um grupo é algo que está sempre composto de certo número de indivíduos. Há um número finito e a pergunta de saber

²Este neologismo "acteísmo" junta "acto" e "ateísmo". Em português brasileiro não temos essa grafia da palavra "ato". A tradução manterá "acteísmo" e a palavra "acto" para fazer entender a constituição do neologismo.

se a um número finito não se agrega sempre Um é uma pergunta que me parece que vale a pena colocar”.

Nas jornadas de carteis da Escola Freudiana (1975) coloca a questão de como conceber o mais-um e espera que os integrantes do cartel *“não esqueçam de responder a pergunta do mais-um”*. Lacan destaca que queria que os psicanalistas pudessem notar esta função que está sempre presente em um grupo e nem sempre é reconhecida. Prestar atenção a ela é uma maneira de dar um estilo analítico ao trabalho de um cartel! E outra vez: o que une em um cartel é o fato de que todos são responsáveis pelo grupo. *“O que faz o nó borromeu, está sujeito à condição de que cada “um” seja efetivamente e não só imaginariamente, o que detém todo o grupo”*. Então, se cada um é responsável não só de seu próprio trabalho, mas do trabalho do cartel, portanto, do trabalho de todos, então talvez o fato de que esta função não seja personalizada no cartel e fixada a priori poderia resultar em uma vantagem. Nas mesmas Jornadas Lacan assinala: *“Já não insistirei sobre a distinção radical entre o mais-um, por um lado, quando se trata do trabalho de grupo, que é um trabalho de ensino e, por outro, o fato de que lhe pedimos, a aquele que no passe nos pareceu que respondia, que se autorizara dignamente nesta posição de analista, a quem lhe exigimos que fosse esse tipo de analista ao qual podemos consultar”*. (sic)

Dado que estamos no final de nosso trabalho de cartel, podemos extrair algumas considerações a posteriori: uma primeira hipótese é que a função mais-um já está circulando e, portanto, encarnada de vez em quando em algum de nós, porque é um fato, temos trabalhado duro e a cada vez com renomada intensidade. Uma segunda hipótese é que o mais um esteve presente, na forma da Escola, no fato de que o CAOÉ não só lançou, mas também apoiou esta iniciativa brindando momentos de encontro e intercâmbio: então sabíamos que chegaria este momento em que poderíamos falar de nosso trabalho.

Devemos também comentar que surgiu outra pergunta: como se articula tudo isto com o tema de nosso trabalho, o final de análise em seus tempos lógicos com a queda do mito do Outro e o possível passo do analista? E se o ateísmo se converte em acteísmo?

O termo “acteísmo” é um neologismo proposto por Colette Soler no qual condensa o ato e o ateo. O acto³ é ateu, é sem deus, que é um dos nomes do sujeito suposto saber. A proposta de Lacan é então a lógica contra o acto de fé, entendendo a fé como a crença de todo sujeito na palavra e especificamente no sujeito suposto saber. Lacan situa o acto analítico na objeção lógica. É assim como anuncia na aula 10 do Seminário 15, justamente dedicado ao Acto Analítico: *“Não abordei nos termos expressos em que vou colocar, em termos de lógica. Por qual razão em termos de lógica? Porque a lógica se define como o que tem como finalidade reabsorver o problema do sujeito suposto saber. Unicamente nela (...) se coloca a questão de saber em termos quantificadores o que quer dizer “existe um psicanalista”*.

Colette Soler sustenta que *“Lacan elevou o acto à dignidade da causa analítica, bem longe de um fracasso do analisante”*.⁴ Não há Outro do acto, é um defeito, um produto de estrutura mesma, no

³ Vide nota 1. Doravante a palavra ‘ato’ será grafada ‘acto’.

⁴ Colette Soler “L’actéisme” de l’analyste en Retour à la passe pág. 521

entanto, o acto é também uma solução: resolve o impasse - beco sem saída – do sujeito suposto saber. Quase poderia dizer que se ocupa de sua indeterminação”.⁵

Então, o problema será interrogar-se sobre esta prática que, no início, em sua entrada, supõe um acto de fé transferencial para, ao final desta, em sua saída (?), suporia uma saída de dita fé, a saber: constituir-se em um acto de decidida incredulidade, que se supõe nesse “desabonar-se” do inconsciente.

Pode-se ler então o cartel como um dos lugares onde o analista se “associa” com outros devido à não “portabilidade do saber” apesar de que seja um saber “não intercambiável”?

Mas por que não é intercambiável? Que saber? Em nosso cartel temos trabalhado sobre o final de análise como conclusão lógica, inscrita e programada pela entrada mesma na análise. Se trata efetivamente de uma conclusão de impossibilidade, uma conclusão que Soler diz⁶, ainda que seja lógica, não advém pela via da razão, mas “há aqui um salto”, uma passagem produzida por uma análise levada mais além do deciframento, porque este impossível que leva à conclusão não é da ordem do sentido, de um saber que se pode colher, é outro tipo de saber.

O analisado é então alguém que já não “crê” (em seu sintoma, no sujeito suposto saber, no Outro), um “ateu”. Mas, isso é suficiente para que se produza o “acteísmo”? Certamente é necessário, mas para que o analisado que é “ateu” não “desista da opção” a respeito da psicanálise e passe ao ato analítico, quer dizer o “acteísmo”, se requer um passo extra, não escrito e não programado na entrada ao discurso analítico.

Finalmente, assinalar que nosso trabalho nos conduziu a refletir acerca de uma possível via para abordar estes impasses em torno da função mais-um e o passe a analista seria retomar o colocado por Lacan a partir de RSI, localizando-os assim na lógica e topologia borromeana.

Tradução: Beatriz Oliveira

ooo

⁵ Colette Soler “L’acthéisme” de l’analyste en Retour à la passe pág. 525

⁶ Ibidem

Andrea Milagres



Meu encontro com a psicanálise se deu quando eu era muito jovem, inicialmente como aluna do curso de psicologia e, pouco depois, como analisante. Embora exercesse a psicanálise desde cedo, autorizar-me como psicanalista levou muito tempo e as vias que me permitiram assentar nesse lugar foram sinuosas. Trabalhei em diferentes serviços de Saúde Mental escutando psicóticos graves e, simultaneamente lecionei por mais de 20 anos nos cursos de psicologia e medicina, transmitindo a psicanálise em terrenos nem sempre propícios a esse discurso. Porém, como efeito da análise, me desvinculei progressivamente do trabalho na saúde pública e, como efeito do passe, me desliguei também da universidade. Desde então me dedico integralmente à clínica em Belo Horizonte- Minas Gerais, Brasil, cidade onde nasci e habito. Sou membro do Fórum Belo Horizonte e atualmente coordeno com uma colega o seminário sobre Passe, final de análise e desejo do analista, além de fazer parte da Comissão do Espaço Escola e cartéis nesse Fórum. Já ocupei algumas funções de direção na EPFCL-Brasil e atualmente sou membro da CLEAG- Comissão Local Epistêmica de Acolhimento e Garantia, me encarregando especialmente da função epistêmica e do trabalho vivo e pulsante dos cartéis no DEL brasileiro.

Membros do cartel «Não ha extensão sem intensão » : Andrea Milagres, Trinidad Sánchez-Biezma de Lander, mais-Um (Espanha), Maria Jesus Diaz (Pays Basque), Beatriz Maya (Pereira-Colômbia) et Carmen Lafuente Balle (Barcelona),

Fazer das tripas coração

Para Carmen Lafuente Balle⁷

Este é o produto de um cartel que foi composto por membros dos Fóruns de Madri, Barcelona, País Basco, Medellín (Colômbia) e Belo Horizonte (Brasil). Nós o declaramos ao CAOÉ sob o título “Não há extensão sem intensão”.

Ao iniciar um cartel nunca sabemos se vai enodar, se vai “dar liga”. Cartelizar é aceitar esse risco: pode não andar, desandar, minguar. Mas cartelizar comporta também uma aposta pela via de uma transferência de trabalho. Risco assumido, um laço muito peculiar se produziu: laço que chamarei de amoroso, não sem o beijo confuso dessas duas línguas-irmãs. Neste cartel a psicanálise em intensão nos enlaçou a partir da experiência própria de cada uma no dispositivo: como passantes,

⁷ Este pequeno grupo contou com Trinidad Sánchez-Biezma de Lander, mais-Um (Espanha), Maria Jesus Diaz (País Basco), Beatriz Maya (Pereira-Colômbia) e Carmen Lafuente Balle (Barcelona), colegas a quem agradeço por este tempo curto, porém profícuo em interlocução e delicadeza.

como passadoras ou como membros dos carteis do passe. Houve um único e brevíssimo encontro de três das cinco cartelizantes em Buenos Aires em julho de 2022, reafirmando nossa disposição ao trabalho. Mas, como sabemos o real nunca falta e foi então que este cartel amoroso terminou antes da hora, nos impondo precipitadamente a dissolução. Dito isso rendo minhas homenagens à Carmen Lafuente Balle cuja presença deixou o traço de um estilo e sua ausência, fez furo no cartel.

O ato psicanalítico é suposto a partir do momento em que o psicanalisante passa a psicanalista. Este ato tem lugar por um dizer que vira uma página e modifica o sujeito. Mas “andar só é ato desde que não diga apenas ‘anda-se’, ou mesmo ‘andemos’, mas faça com que ‘cheguei’ se verifique nele”⁸. O passante deve transmitir como chegou ao desejo do psicanalista -com todas as contingências que o dispositivo implica- e, sabendo no que vai dar, dizer como esta ideia de ser psicanalista lhe passou pela cabeça. É o que os carteis do passe procuram flagrar: a marca deste desejo. Que marca é essa escapa ao significante e que só pode ser passada em ato? Se o significante representa o sujeito para outro significante, produzindo uma série encadeada, a marca não. A marca do desejo do psicanalista difere do conjunto, distingue-se do tecido que constitui um corpo assim como uma cicatriz que resta de uma operação.

Porém esta marca não assegura o porvir da operação analítica. Depois do passe resta ainda a cada um “decidir se é possível dar sequência a um ato, que em seu fim, destitui o próprio sujeito que o instaura”⁹. Pois há uma subversão no ato psicanalítico: aí não é o sujeito quem comanda; por isto falamos de ato acéfalo. Este ato situa-se no que Lacan chama de “topologia ideal do objeto a”, permitindo deduzir que “é ao não-pensar que ele opera”¹⁰. Se no ato o psicanalista não é sujeito, de que matéria é feito o psicanalista? Ele se fabrica com objeto a, se faz do objeto a, diz Lacan. E se “o ato em si não pode funcionar como predicado”¹¹ trata-se do que virá depois: sempre incalculável. O ato só pode ser julgado “pelas migalhas que houverem caído no ano seguinte”¹². Parece-me que essas migalhas são o rastro do que foi a solução- sempre única e inimitável- que o passante encontrou. Apontam para o que há de novo na sua relação com o saber. São também essas migalhas que a comunidade de Escola aguarda atentamente ouvir no testemunho dos AEs nomeados. Procurava então uma analogia que servisse para falar do que não se pode formular. O título proposto para essa mesa caiu como uma luva: “Os analistas são os sábios de um saber do qual eles não podem conversar”¹³.

Com efeito, um “eu não penso correto, deixa o psicanalista suspenso na ansiedade de saber onde lhe dar lugar, para pensar a psicanálise, apesar disso, sem ficar fadado a falhar com ela”¹⁴.

É preciso retomar o que levou a concluir a análise produzindo o escancaramento de S de A barrado, ao qual já fiz referência nos meus testemunhos do passe: o Outro materno não poderia mais andar.

⁸ Lacan, J. Resumo do Seminário de 1967-1968, O Ato psicanalítico. Outros Escritos, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2003, p.371.

⁹ Ibidem, p. 371.

¹⁰ Ibidem, p. 373.

¹¹ Ibidem, p. 374.

¹² Ibidem, p. 379.

¹³ Lacan, J. Na edição brasileira a frase foi traduzida como: “os psicanalistas são os sábios de um saber que não podem cultivar”.

Conferir em: Da psicanálise em suas relações com a realidade. No Instituto francês de Milão, 18 de dezembro de 1967. Outros Escritos, p. 358.

¹⁴ Ibidem, p. 373.

Como uma janela que se abre repentinamente, este clarão permitiu fazer uma “sacada”: é preciso continuar. Este acontecimento teve efeito de choque, deixando-me cara-a-cara com o que constitui “o escândalo do ato, ou seja, a falha percebida no sujeito-suposto-saber” ¹⁵.

Dar um passo além da falha percebida- horror de saber- é necessário para concluir a experiência. Dar este passo ou permanecer no luto sem fim. Momento crucial no final de análise que pode abrir as portas ao ato analítico.

Ao concluir o cartel deparei-me com a pergunta sobre o que é testemunhar a partir dos lugares possíveis que se pode ocupar no dispositivo: passador, passante, cartel do passe. Onde quer se esteja aí, minha hipótese é que o corpo participa. Como passador: não há como ser “placa sensível” e transmitir ao cartel do passe se não se está seriamente preocupado. Se o que foi ouvido não reverbera, o corpo não vibra. Como passante, dirigindo-se ao secretariado do passe: vertigem. Porém testemunhar afeta não só o corpo do passante; afeta aqueles a quem nos dirigimos, afeta o corpo da Escola. O testemunho do AE afeta os que o ouvem porque traz nele a marca desse desejo aberrante que, quando transmitido, enlaça a intensão à extensão. No final da análise, Lacan o disse, a transferência não é liquidada; ela vai ceder lugar ao trabalho de outros, ao trabalho com outros. No testemunho do passe tratamos de transformar o que a psicanálise ensinou em ensino, passando deste modo da intensão à extensão.

Em um dos últimos encontros do cartel fui conduzida ao Seminário 3 no qual Lacan propõe penetrar um pouco na noção de testemunho. Ele diz que tudo aquilo ao qual damos um valor enquanto comunicação é da ordem do testemunho. A comunicação desinteressada é apenas um testemunho malogrado, ou seja, alguma coisa sobre a qual todo mundo está de comum acordo. Isso ocorre, por exemplo, no caso da comunidade científica, na qual há um ideal de transmissão do conhecimento. Mas o testemunho não é só comunicação. Na psicanálise, diz Lacan, lidamos com algo radicalmente distinto de uma comunicação desinteressada: “Não é por acaso que isso se chama em latim *testis*, e que se testemunha sempre em cima dos próprios colhões. Em tudo que é da ordem do testemunho, há sempre o empenho do sujeito, e luta virtual a que o organismo está sempre latente” ¹⁶.

De fato, quando se historiza (*hystorise*) uma análise, no testemunho aos passadores ou mesmo diante de uma comunidade de Escola, é preciso coragem. Para ocupar o lugar de psicanalista, não menos. Neste último encontro uma colega lembrou que Colette Soler¹⁷ comentara certa vez, sobre o quê do corpo, entra em jogo no testemunho. Ela dizia que Lacan fez referência aos colhões, mas o que está de fato em questão, é que é sempre com as entranhas que testemunhamos.

Haveria relação entre aquilo que Lacan disse no seminário da Angústia, “não somos objetos de desejo senão como corpo” ¹⁸? Abre-se aí uma primeira via de pesquisa.

Chamou minha atenção ainda uma frase de Lacan no resumo do Ato Analítico:

¹⁵ Ibidem, p. 372.

¹⁶ Lacan, J. O seminário livro 3, As psicoses. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, p.51.

¹⁷ Ignoro se tal observação de Soler está publicada em algum lugar ou se teria sido um comentário verbal.

¹⁸ Lacan, J. O seminário livro 10, a angústia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, p. 237. “É essa parte de nós que é aprisionada na máquina e fica irrecuperável para sempre. Objeto perdido nos diferentes níveis da experiência corporal em que se produz seu corte, é ela que constitui o suporte, o substrato autêntico, de toda e qualquer função da causa. (...) Convém lembrar que ela é corpo e que somos objetos, o que significa que não somos objetos senão como corpo”.

“Mais uma vez, porém, como não se vê que já está feita a *coleta corporal* (grifo meu) com que se deve fazer psicanalista, e que é com isso que cabe afinar o ato psicanalítico?”¹⁹. Questão ainda em aberto e que desejo aprofundar no próximo cartel intercontinental recentemente iniciado. Para finalizar faço uso da língua corrente, pois “a linguagem, aqui como sempre, deixa transparecer a verdade”²⁰. Diante de uma situação que exige um esforço extraordinário para ultrapassar um obstáculo e fazer o impossível, dizemos que foi preciso “fazer das tripas coração”. Ao falar da passagem de psicanalisante à psicanalista, Lacan usa os termos resto, dejetos, estrume²¹, merda²². Passar ao desejo do psicanalista implica fazer das tripas coração²³. Quebrar a hierarquia do corpo e atingir algo que parecia impossível. Das sobras- matérias nobres ou ignóbeis- fazer causa, alimento. Por isto lembrei-me do poema “A mosca”²⁴ de Primo Levi. Assim como a mosca o psicanalista transforma os refugos em energia de voo, tanto demanda seu ofício.

Estou só aqui: este

É um hospital limpo.
Sou eu a mensageira.
Para mim não há portas cerradas:
Sempre há uma janela,
Uma fenda, os buracos da fechadura.
Comida encontro em abundância,
Deixada pelos saciados em demasia
E pelos que já não comem.
Tiro alimento
Até de remédios descartados,
Porque nada me estraga,
Tudo me nutre, reforça, beneficia;
Matérias nobres e ignóbeis,
Sangue, pus, refugos de cozinha:
Transformo tudo em energia de voo,
Tanto demanda meu ofício.
Sou a última a beijar os lábios
Secos dos moribundos e morituros.
Sou importante. Meu sussurro
Monótono e insensato
Repete a única mensagem do mundo
Aos que atravessam a soleira.
Aqui eu sou a senhora:
A única livre, solta e sã.

ooo

¹⁹ Op. cit., p. 375.

²⁰ Op. cit., p. 138.

²¹ Lacan, J. Proposição de 9 de outubro de 1967, Outros Escritos, p. 259.

²² Lacan, J. Discurso na Escola Freudiana de Paris, Outros Escritos, p. 281.

²³ No seminário X há uma interessante referência de Lacan sobre a metáfora orgânica. Na formulação “É teu coração que eu quero, mais nada” o coração deve ser tomado ao pé da letra. É como parte do corpo que ele funciona, como víscera digamos: “O uso metafórico sempre vivo dessa parte do corpo, para expressar o que vai além da aparência do desejo, como explica-lo a não ser dizendo que a causa já está alojada na víscera e figurada na falta? Há uma obsessão com a víscera causal”.

²⁴ Levi, Primo. A Mosca. Mil sóis: poemas escolhidos. Tradução: Maurício Santana Dias. São Paulo, Todavia, 1ª edição, 2019.

Sophie Rolland-Manas



Sophie Rolland-Manas é psicanalista em Narbonne, AME da EPFCL (Fórum França), membro do CIG 2021-2022 e ensina no "Collège de clinique psychanalytique du Sud-Ouest". Juntamente com Dominique Marin (AME da EPFCL), ela sustenta um seminário de psicanálise em Narbonne intitulado "Humanidade, uma questão para a psicanálise"

Membros do cartel: "O que fazer com o passe"? Sophie Rolland-Manas, Rosa Escapa, Vicky Estevez (Plus Une), Maria Antonieta Izaguirre, María de los Ángeles Gómez

. Alguns pedaços de saber do cartel

Nosso cartel intitulado: "Que fazer do passe" está em ponto de conclusão. É, portanto, antes das últimas sessões de trabalho que nos restam que eu gostaria de agradecer calorosamente aos quatro cartelizantes que formam nosso pequeno grupo: Rosa Escapa, Vicky Estevez (Mais Um), Maria Antonieta Izaguirre, María de los Ángeles Gómez. Juntas, mas cada uma, tivemos a tarefa de retomar e explorar as questões em torno do 11lgu e da Escola a partir de alguns textos reunidos na obra *Retorno ao 11lgu*. Cartel intercontinental e bilíngue no coração mesmo do trabalho, pois se as sessões se desenrolaram em língua 11lguas11, ele se apoiou em textos em 11lguas, navegando assim de uma língua a outra.

É a partir dessas leituras e discussões em conexão com o saber derivado da 11lguas11cia psicanalítica de cada um do cartel que tiro a medida disso que pode representar a ligação específica que se instaura em um pequeno grupo que é o cartel e que funda a incompletude dele. Com efeito, o cartel é incompleto, o que se encarna pelo mais-um; e, por outro lado, as respostas encontradas durante o trabalho do cartel sempre deixarão sempre um furo no saber. Isso nos 11lguas ao estatuto do saber com as dimensões de incompletude e inconsistência, e ao desejo como prova. Um 'em jogo' maior do cartel estruturado por 11lgu duas faltas. Ambas fazem valer a impossível reabsorção pelo saber desse a. É isso que causa o desejo e que vem a se repetir mais e mais. É isso que também se encontra no desenvolvimento, na produção do trabalho de cada cartelizante.

Assim, não é porque “os analistas são os estudiosos de um saber que eles não podem conversar²⁵”²⁶ que eles vão abrir mão dele. Se não conseguem falar disso, eles podem tentar explicá-lo, falar dele e compartilhar algumas coisas.

Arrisco-me então a oferecer-lhe minha contribuição que não será uma conclusão desses dois anos de trabalho em cartel, mas sim uma descoberta de questões trabalhadas em articulação com o tema proposto em torno do saber. Minhas observações referem-se a um tempo crucial da análise, que condiciona o ato do analista e orienta a experiência como um todo, o tempo do fim que se pode pensar como marca de uma passagem. Ficará aqui uma questão pelo tempo que me é concedido de traçar alguns rastros de resposta à pergunta: que é esse saber que a experiência deposita após a passagem à analista?

Partirei do fato de que uma análise consiste em sustentar que a lógica da experiência permite ir além da dimensão alienante da transferência. Lacan, em sua *Proposição*²⁷, teoriza este momento da experiência, momento de passe que escande um antes e um depois. Esse tempo de báscula da transferência corresponde à destituição subjetiva e à queda do sujeito suposto saber. Acrescentemos que o momento dessa destituição corresponde precisamente a esse tempo, em que a questão da verdade que orientou todo o processo, cai. Consideremos também que é nessa vacilação que emerge um desejo inédito no qual se articula um novo saber. Dito de outro modo e com Lacan, «um saber acreditado em si mesmo.»

Se esse momento de passe não assina o fim de uma análise, ele a condiciona e ele tem efeitos de mudança, de passagem, como eu já disse acima. Citarei dois deles, o do amor ao saber ao desejo de saber, e o da transferência para o analista à transferência para a psicanálise. Mas então isso lança dúvida sobre a finitude da transferência. Pode ser que a transferência nós não a deixemos, mesmo quando conseguimos comprovar suas fontes. Alguma coisa disso persiste, mesmo naqueles que conseguem, em um momento de fim, dar um passo de sujeito em direção a sua causa. Quando, depois de um tempo de fim, chega o momento de continuar, é com a transferência. De que forma isso se desenrola? A questão, eu creio, nos concerne cada um de nós assim que pensamos a transmissão da psicanálise e a sua ligação com a Escola.

Isso leva à afirmação de Lacan “O ensino da psicanálise não se pode transmitir de um sujeito a outro a não ser por meio da transferência de trabalho”, e mais tardiamente ele dirá que a psicanálise é “intransmissível” mas que ela se inventa. De um enunciado a outro, parece-me que podemos ouvir que o saber, cada um que coloque seu «coração» a trabalhar nele.

Esta forma particular de transferência que ocorreria ao final da experiência permitiria que ela mesma continuasse, mas de modo diferente. Essa mutação favorece a constituição de uma comunidade de experiência diz respeito a dois registros evocados na Proposição de 1967: o saber referencial e o saber textual. Esses dois registros são distintos, mas ambos são convocados na transferência, embora diferentemente. A noção de “transferência de trabalho” implica uma báscula

²⁵ No original em francês temos a frase assim: “les analystes sont les savants d’un savoir dont ils ne peuvent s’entretenir”. A tradução oficial cuja localização está na referência 2 traduziu “s’entretenir” como “cultivar”. Cultivar não traz o mesmo sentido de “conversar”. Assim sendo, optamos “conversar” no lugar de “cultivar” para manter o sentido do original.

²⁶ J. Lacan, 1967, “Da psicanálise em suas relações com a realidade”, *Outros Escritos*, 2003, Rio de Janeiro, Jorge Zahar ed., p.358.

²⁷ J. Lacan, “Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros Escritos*, p.248-264.

que permite que o saber referencial, o saber teórico, possa ser revestido pelo saber textual de analisante analisado, aquele que se inventa durante a análise e que continua a se inventar depois. Essa forma particular de ligação entre saber referencial e saber textual está no coração da concepção lacaniana de analista e de formação.

Esta forma de considerar a transmissão como efeito da leitura do saber referencial da teoria parece-me poder situar-se no ponto de articulação de intensão e de extensão. Nós poderíamos dizer que a mudança que pôde ocorrer a partir de uma análise permite que o saber resultante da experiência não permaneça como letra morta, mas que ele possa se transmitir passando a sua marca sobre o saber da teoria e da clínica.

Parece-me que cada um desses dois dispositivos que são o passe e o cartel constituem um desafio à noção de transferência de trabalho: o passe como o colocar à prova da mutação da relação com o saber, permitindo a passagem à analista. E o cartel como aposta em ato da transferência de trabalho. Nessa perspectiva, o cartel é um lugar particularmente adequado para vivenciar o enlaçamento do saber textual com o saber referencial e a singularidade da invenção de cada um.

Para finalizar, eu diria que atravessar o passe, estar na função de analista, não dispensa de se fazer analisante da experiência para que alguns pedaços do saber possam ser divididos entre os psicanalistas e não apenas entre eles.

Tradução: Lucília Maria Abrahão e Souza

ooo

Julieta L. De Battista



Julieta L. De Battista pratica psicanálise em Buenos Aires. Ela é AME da EPFCL, foi AE (2018-2021) e membro do CIG (2021-2022). É doutora em Psicopatologia pela Universidade de Toulouse e leciona na Universidade Nacional de La Plata, na Universidade de Buenos Aires e na Universidade Nacional de Mar del Plata.

Membros do cartel "O saber do psicanalista": Kristèle Nonnet-Pavois, Anaïs Bastide, Carole Leymarie, Julieta de Batista e Dominique Fingermann-Touchon (+1)

Rogaton: restos de saber

Embarcamos em um trabalho de cartel com Kristèle Nonnet-Pavois, Anaïs Bastide, Carole Leymarie e Dominique Fingermann-Touchon (+1) acerca das conversas de Lacan sobre "O saber do psicanalista" (1971-1972): a complexa relação do analista com o que ele sabe.

A tela de fundo de nosso trabalho não desconhecia o destino de *Verleugnung* do ato analítico²⁸ nas comunidades de analistas e seu correlato de angústia: "Discurso impensável, por só ser possível sustentá-lo no que se é ejetado dele."²⁹ Algo do discurso analítico requer tal ejeção para se sustentar. Como conversar, então? Interrogando essas conversas acerca do saber do analista mergulhamos no redemoinho das perguntas iniciais que giraram em torno da douda ignorância, a fronteira entre saber e verdade: verdade que só pode ser dita pela metade, saber da impotência.

Assim, decantou-se minha pergunta sobre podermos encontrar algumas pistas, alguns vestígios, do que Lacan precisou no ano seguinte, em 1973: saber ser um dejet³⁰ como consequência de haver cernido a própria causa relativa ao horror ao saber. Temos essa primeira formulação de 1968 sobre o horror dos analistas ao ato analítico, e logo esta outra de 1973: haver cernido a própria causa do horror ao saber. O horror ao ato, o horror ao saber. Como poderia

²⁸ Lacan, J (1967-1968). Lacan, J. (1967-1968). Le séminaire. Livre XV. L'acte psychanalytique. Inédito.

²⁹ Mes écrits sont impropres à la thèse, universitaire spécialement: antithétiques de nature, puisqu'à ce qu'ils formulent, il n'y a qu'à se prendre ou bien à les laisser. Chacun n'est d'apparence que le mémorial d'un refus de mon discours par l'audience qu'il incluait: strictement les psychanalystes. (...) Impensable discours de ne pouvoir être tenu qu'à ce qu'on en soit éjecté". Lacan, J. Préface a une these. Autres Écrits, Paris: Seuil, p. 394. Otros escritos, Buenos Aires: Paidós, p. 414.

Na edição em português – Lacan, J. Prefácio de uma tese, Outros Escritos, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., p. 389-390.

³⁰ Lacan, J. Note italienne. In J. Lacan. Autres écrits, Paris: Seuil, 309.

Na edição em português – Lacan, J. Nota Italiana. Outros Escritos. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., p. 313.

conversar sobre esse horror? Em que contribuem as conversas sobre o saber do analista? Lacan insiste no paradoxo do ato analítico – como um analisante pode querer tornar - se um analista? À posição do analista só se chega pelo trabalho analisante, nessa passagem de analisante à analista, há um momento eletivo³¹. Até que ponto um analisante se deixa levar por sua tarefa? Especialmente quando percebe que está cansado e que bordeia a causa do próprio horror de saber. Talvez só pode chegar até lá com uma certa dose de ingenuidade³² ou jogar nisso um certo um potencial sublimatório: saber contornar aquilo a que se reduz o SsS³³.

Para que haja a “chance de analista”³⁴ ou oportunidade de sua emergência, Lacan enfatiza que é a operação da experiência analítica que traz o objeto a ao lugar de semblante. E, em que consiste essa operação? Lacan não inova: fazer valer a associação livre, interpretar, “O analista é o homem a quem se fala e a quem se fala livremente. Está ali para isso.”³⁵ Cada analista encontra sua forma, ou não, de dar à regra o peso fundamental que considera ter a experiência.³⁶ E, o “ponto de consequência” a que chegou à colocação em ato dessa regra que terá suas incidências.

A enunciação dessa regra fundamental poderia sofrer mudanças de acordo com o ponto em que se chegou na própria experiência de análise. A passagem de analisante para analista impactaria a enunciação da regra, em como se provoca alguém para a entrada na tarefa analisante. Certo entusiasmo por estes dejetos que lançam a colocação em ato da regra fundamental que poderá outorgar um valor agalmático, na medida em que haja analista que convoque a isso e suporte o falar livremente. Lacan propõe nessas duas conversas em Sainte-Anne uma referência ao mofo que aparece nas paredes: podemos concordar que essas manchas se prestam às figuras, aos desenhos, ao captar o efeito desse trabalho sutil de escavação, espécie de erosão que segue sulcando os muros.³⁷ As voltas da associação livre não conduzem para a obtenção de um quadro mais definido. O analista que está por vir, não só sabe do destino que teve o seu analista ao final, como também sabe a que conduz a colocação em ato da associação livre.

Com respeito a minha pergunta pelos vestígios do saber ser dejetivo, há uma referência que me pareceu fundamental. Ali, se especifica que o nó essencial do saber do analista é que a verdade só pode ser dita pela metade, é um saber que sempre se coloca em questão, um saber que se

³¹ Lacan, J. (1968). L'acte psychanalytique. In J. Lacan, *Autres écrits*, p. 375.

Na edição em português – Lacan, J. (1968) O ato psicanalítico. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., p.371.

³² "Ainsi la fin de la psychanalyse garde en elle une naïveté, dont la question se pose si elle soit être tenue pour une garantie dans le passage au désir d'être psychanalyste". Lacan, J. (1967). Proposition sur le psychanalyste de l'école." In Lacan, J. *Autres écrits*. Paris: Seuil, 255.

Na edição em português – Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., p. 389-390.

³³ " Pour le névrosé, le savoir est la jouissance du SsS. C'est bien en quoi le névrosé est incapable de sublimation. La sublimation, elle, est le propre de celui qui sait faire le tour de ce à quoi se réduit le SsS. Tout création de l'art se situe dans ce cernement de ce qui reste d'irréductible dans le savoir en tant que distingué de la jouissance." Lacan, J. (1968-1969). *Le séminaire. Livre XVI. D'un Autre à l'autre*. Paris: Seuil, p. 353.

Na edição em português – Lacan, J. *O Seminário. Livro XVI. De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 341.

³⁴ Lacan, J. (1971). *Je parle aux murs*. Paris: Seuil, 67.

³⁵ Lacan, J. *La direction de la cure et les principes de son pouvoir*. In J. Lacan. *Écrits*. Paris: Seuil, 616.

Na edição em português – Lacan, J. *A direção da cura e os princípios de seu poder*. *Escritos*. Rio de Janeiro : Zahar, p. 622.

³⁶ No escrito sobre a direção da cura Lacan já apontava que as inflexões, na maneira como o analista aplica a regra, encontraremos a forma como a qual se veicula a doutrina que o analista tomou para a situação analítica e o “ponto de consequência” que ela atingiu para ele. (Lacan, 1958:586 – na edição francesa) (Lacan, 1958: 592- na edição em português)

³⁷ Lacan, J. (1971-1972). *Le séminaire. Livre XIX... ou pire*. Paris: Seuil, p. 74.

Na edição em português – Lacan, J. (1971-1972) *O seminário. Livro XIX ...ou pior*. Rio de Janeiro : Zahar, 2012.

extraí do gozo do sujeito, um saber que é resultado do tropeço, do fracasso, do sonho: do trabalho analisante. Cito: “Esse saber não é suposto, é saber caduco, *rogaton* de saber, *surrogaton* de saber. É isso, o inconsciente. Esse saber (...) o defino, traço novo na emergência, por só poder postular-se a partir do gozo do sujeito.”³⁸ A escolha da palavra *rogaton* e a ênfase na palavra *surrogaton* atraiu a minha atenção. Provavelmente não teria me detido se houvesse lido o texto em espanhol, porque nesta língua simplesmente não haveria tradução. *Rogaton* deriva etimologicamente de *rogatum*- demanda, *rogare* – interrogar, questionar – e tem as seguintes acepções: objeto de dejetos, resto de pouco valor, pequena escritura sem valor; notícias do dia sem importância; mas também “comida composta de restos que já haviam sido servidos” ou “pequena obra feita de dejetos”. Em francês antigo existia a expressão “*porteur de rogatons*”, referida na religião à ordem dos mendigos, que carregavam relíquias ou indulgências para conseguir trocar por coisas que permitiriam sua subsistência. Esse *surraton* do saber produzido pelo trabalho analisante já não é saber suposto, é saber caduco que abre a possibilidade de uma nova emergência pelo que foi produzido pelo gozo do sujeito. Estamos, portanto, no limite entre o que uma análise produz e a produção de um analista.

A essa altura das conversações sobre o saber do analista, estas conversas em Sainte-Anne começam a trançar-se com as elaborações do seminário XIX, em que Lacan apresenta uma distribuição dos gozos: gozo fálico, gozo não todo fálico. Outras perguntas aparecem, que trabalho em outros cartéis: se o saber do analista se fundamenta no trabalho analisante sobre o gozo do sujeito, como essa distribuição dos gozos impacta o devir analista? Quais as diferenças entre o não-todo de uma mulher e o não-todo de onde surge o analista? Qual é a operação pela qual uma análise transforma o gozo sexual até que leve alguém a ocupar este lugar de semblante de objeto *a*, *a*-sexuado?

Tradução: Daniela Salfatis

ooo

³⁸ “De l'analyse, il y a une chose par contre à prévaloir, c'est qu'il y a un savoir qui se tire du sujet lui-même. A la place du pôle de la jouissance, le discours analytique met le sujet barré. C'est du trébuchement, de l'action ratée, du rêve, du travail de l'analysant que résulte ce savoir. Ce savoir, lui, n'est pas supposé, il est savoir, savoir caduc, *rogaton* de savoir, *surrogaton* de savoir. C'est cela, l'icc. Ce savoir là -c'est ce que j'assume-, je le définis, trait nouveau dans l'émergence, de ne pouvoir se poser que de la jouissance du sujet”. Lacan, J. (1971- 1972). Le séminaire. Livre XIX... ou pire. Paris: Seuil, p. 79, 3/2/72.

Na edição em português – Lacan, J. (1971-1972) O seminário. Livro XIX ...ou pior. Rio de Janeiro : Zahar, 2012, p. 77.



Mónica M. Palacio pratica, ensina e estuda psicanálise nas cidades de Pereira e Medellín, Colômbia. Pertence ao Foro do Campo Lacaniano de Pereira, e desde 2007 pertence à EPFCL da qual é AME; encontrou nos dispositivos da Escola, do Cartel e do controle uma forma rigorosa de sustentar sua formação como analista, interessou-se pela política da psicanálise, por isso exerceu diferentes funções em nível local e internacional, Colégio de Delegados, CRIF, CLEA. Contribuiu com a tradução de Colette Soler para o espanhol nas edições dos Fóruns de língua espanhola do Campo Lacaniano da IF-EPFCL.

Membros do cartel, "Término de análise, leituras da escola", Luciana Guarreschi, Mas-Uno, Nadine Cordova, Patrick Barillot, Patricia Gavilanes, Monica Palacio.

A propósito do saber do analista

Parto da frase a partir da qual o CAOÉ nos faz o convite a essa jornada, "Os analistas são sábios de um saber do qual eles não podem conversar³⁹". O saber de que se fala em psicanálise é paradoxal, temos lido e dito isso de todas as maneiras, mas é preciso repeti-lo, porque não se trata de um saber enquanto acúmulo de conhecimentos, os quais podem ser importantes, mas não é com esse saber que se realiza o ato.

Ocasionalmente, o reconhecimento da própria ignorância pode conduzir à busca de um suposto conhecimento teórico, esperando que esse revele um pouco mais sobre o trabalho da cura. Essa esperança é vã, porque o saber inconsciente não se pode ensinar. É o que indica a frase de partida. O saber de que se trata se apresenta como paradoxal porque é um saber que inclui o inconsciente, ou seja, um saber em exclusão se reiteramos que o Inconsciente é um saber não-sabido, saber ao qual se tem acesso graças à análise que se levou às últimas consequências e que revelou, portanto, uma verdade singular, a do sujeito.

Esta noção de saber paradoxal é situada por Lacan em consonância com o deciframento: trabalho analisante a partir da divisão, da falta, da pergunta e do interrogante, que conduz, como disse, ao deciframento e, portanto, a revelar esse saber no curso de uma análise, sendo o analista o produto contingente dessa operação.

O cartel do qual fiz parte, sobre leituras de Escola, tentou rastrear a produção teórica dos analistas de nossa escola sobre o final de análise; as perguntas dos cartelizantes interrogavam essa

³⁹ Lacan, J. (1967) "Da psicanálise em suas relações com a realidade", in: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 358 (N.T.: Optamos por não utilizar a tradução que está nos Outros Escritos, e manter a frase tal como foi proposta pelo CAOÉ a cada um dos autores).

particularidade do ato analítico que permite conduzir sem impedir o caminho até o fim. Minha pergunta, em particular, tinha a ver com o trajeto final e com o que permite ao analista AME nomear a um de seus analisantes passador. O que deve saber o analista para fazer essa aposta? As discussões e as leituras de Escola me permitem chegar a uma conclusão não decisiva, a aposta do AME não se origina na experiência dos outros; acolho nesta resposta o que disse Colette Soler, "... para o analista não há exemplo algum que valha para seu ato, deve reinventá-lo a cada vez⁴⁰".

A demanda de saber colocada ao cartel como dispositivo no qual o analista que se interroga sobre seu ato poderia se reconhecer na palavra que circula, ou nas perguntas que se articulam ao redor de um mesmo tema, tem um limite, pois se encontra com um saber que não dirá a verdade do ato que sustenta, nem o que ele é nesse ato.

Apesar do trabalho em cartel no qual poderia ter em comum alguns questionamentos e suas respostas, o analista AME se encontra ali sem garantia. Ter a certeza de ganhar a aposta com o passador poderia dar sentido ao fato de ser designado AME, mas o que ocorre, no entanto, é que se produz um vazio no saber, instala-se a falta que permite, portanto, continuar um trabalho onde ele não está só, pois para chegar aí foi necessária a transferência de trabalho à Escola.

Não é na leitura dos diferentes números de Wunsch que se encontra algo do saber, mas isso me permite compreender que o de que se trata é de fazer Escola a partir do insustentável, de pensar a experiência a partir do impossível de dizer. Fazer Escola é colocar no centro esse ponto onde não há dizer sobre o saber, para que o desejo de saber possa fazer vínculo e possibilite o que chamei de transferência de trabalho, com os esparsos díspares que compõem um cartel, por exemplo, e por extensão o vínculo de trabalho na Escola seja possível.

Quando me fazem o convite para participar desta jornada, duvido da tradução ao espanhol da frase que nos convoca, "Os analistas são sábios de um saber do qual não podem conversar", e que em francês diz "Les analystes sont les savant d'un savoir dont ils ne peuvent s'entretenir", "s'entretenir" ressoa, em meu castelhano da Colômbia, entreter-se⁴¹... não pode, o analista, se entreter com esse saber depositado pelos textos, para fazer a aposta no passe, no passador; é o que se faz nas ciências, demonstrações, avanços, que implicam estar atualizado. Em psicanálise, é necessária a aposta no singular, que não logra tampouco transmitir-se nos estudos clínicos, nas apresentações de caso, nem sequer inclusive nos testemunhos de passe. Cada sujeito e sua relação com a palavra e com o dizer é tão específico que algo não alcança efeito de transmissão; alcança efeito de saber para quem escuta, mas de saber com esse único sujeito, pois com outro a aposta recomeça. O saber depositado pela experiência analítica permitirá, em suma, não estar enganado frente aos semblantes, frente aos discursos etc..

É claro que os analistas conversamos sobre a experiência, este encontro é a prova disso. No entanto, noto igualmente que essa conversa não implica pontos comuns, convergentes, e nisso discordo de uma de minhas colegas do cartel, que publicou, em Folhas soltas número 2, que percebe uma certa homogeneidade em nossa Escola. Eu, ao contrário, percebo no trabalho de

⁴⁰ Soler, C, El saber del analista y su saber hacer, in "El saber del analista y su saber hacer". Jornada Europea de Escuela, 2017 (NT - tradução livre).

⁴¹ Em português, assim como no castelhano da autora, cabe a ressonância com entreter-se, que pode ter o sentido de distrair-se (N. T.).

cartel um caminho divergente. Há tantas leituras e interpretações de alguns ditos de Lacan sobre o passe, sobre o tempo do final, sobre o que é o passador, sobre a função do passe como tal, que evidentemente não é uma conversa, não é um compartilhamento. Os analistas, então, sábios de um saber do qual não podem conversar, são sábios de um saber que aloja o enigma para que outros avancem, ali onde eles não se entretêm, pois cada um deve encontrar um modo de fazer com esse lugar vazio.

Tradução: Maria Laura Cury Silvestre

ooo



Ramon Miralpeix Jubany é psicanalista em Barcelona, AME da EPFCL e membro fundador da FPB-EPFCL. Leciona na ACCEP (Formaciones Clínicas del Campo Lacaniano). Em nível internacional, foi membro da CRIF como representante da Espanha e da CIG, e em nível mais local, foi membro do dispositivo DEL-F8. Membro do comitê editorial de Pliegues (publicações da FFCLE (Federação de Fóruns do Campo Lacaniano na Espanha).

Membros do cartel: " Quando tudo o que resta são as palavras"

", Pedro Pablo Arévalo (+ um) , Andrea Brunetto , Silvana Pessoa , Blanca Sánchez, Ramon Miralpeix

"Os analistas são sábios de um saber que não podem conversar"

Ato e saber do psicanalista.

Para esta exposição vou partir fundamentalmente do trabalho de cartel⁴², realizado até o momento, e do que pude extrair para esse título que afeta o vínculo entre analistas, para nós, em uma Escola, a EPFCL.

Mas, antes, vou me apoiar em alguns textos de Lacan. O primeiro, do qual surgiu o título desta Jornada, "Da psicanálise em suas relações com a realidade"⁴³. Daí, tomo como ponto de partida "a afinidade do significante com esse lugar de vazio"⁴⁴. Esse lugar vazio é a "realidade do inconsciente". Essa realidade se constrói na análise na medida em que o analista se oferece "como suporte desse des-ser" para causar a divisão do sujeito. E acrescenta que essa situação para o analista é "insustentável" e daí sua associação com os que compartilham com ele o não poder intercambiar esse saber⁴⁵.

Temos, então, esse lugar vazio afim ao significante, que tem com esse lugar uma relação paradoxal porque tem a capacidade de tamponá-lo em sua "vocalização" de enchê-lo de sentido. Mas, ao mesmo tempo, tem no arbitrário, e também no necessário de sua materialidade, a

42- Os integrantes do cartel são: Pedro Pablo Arévalo (+ um) [Europa, espanhol], Andrea Brunetto [América, português], Silvana Pessoa [América, português], Blanca Sánchez [Europa, espanhol], Ramon Miralpeix [Europa, espanhol]. Trabalhamos o livro de Albert Nguyen, Cuando sólo quedan las palabras. Os MONOGRÁFICOS de PLIEGUES Federación de Foros del Campo Lacaniano F-8 No 11

43- J. Lacan, Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: Outros Escritos, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 350-358.

44-Ibid., p. 355.

45- Ibid., p. 358.

capacidade de esvaziamento. Essa “materialidade” está em uma ordem diferente da cadeia significante que produziria a ilusão de um saber transmissível, e se coloca tanto nos equívocos, e em todas as possibilidades metafóricas e metonímicas, quanto no âmbito do silêncio necessário para dar acesso a isso “material”, e especialmente no ato. Quanto aos equívocos, referem-se sempre a elementos de língua e, com seu “truque”, o analista pode ter a sorte de que o parlêre analisante vislumbre algo do outro lado do litoral iluminado pelo fulgor desse tropeço com um elemento de língua. O truque passa pelo ato oportuno.

E, no analisante, permite passar do “não quero saber nada disso..., mas falo sem parar disso, ou melhor, por causa disso” ao “há um saber que é impossível alcançar e do qual nada pode ser dito, mas dele algo se transmite”. É o que podemos entender no início do Seminário 20, *Mais, ainda*, quando Lacan fala desse “não quero saber nada disso”. Todos partimos da mesma coisa, inclusive Lacan. A diferença é que ele parte de outro lugar, coloca-se como analisante de seu próprio “não quero saber nada disso” ...; é o que faz ao longo de seu seminário. Aí também há um saber que se transmite “por fragmentos”. Isso, creio, marca uma diferença entre os que “viveram” os seminários de Lacan em sua presença de corpo e aos quais não nos resta outra saída a não ser supor e apreender um dizer que seria o seu, naquilo que ficou escrito do que disse. O tempo, o modo, a circunstância em que foi dito fica praticamente tudo de fora, de modo que a transmissão somente pode chegar a nós por outra via, direta e intermediária. Direta porque é a da análise – e aí partimos todos do mesmo lugar. Intermediária por como acedemos ao saber produzido por Lacan desde sua posição analisante, através de outros que transmitem por ter voz própria, fragmentos de um saber que ex-siste à palavra.

Segundo ponto de apoio:

“A relação sexual é uma relação intersinthomática. É precisamente por isso que o significante, que é também da ordem do sinthoma, (...) opera. É precisamente por isso temos a suspeita do modo pelo qual ele pode operar: por intermédio do sinthoma.

Como então comunicar o vírus desse sinthoma sob a forma do significante?”⁴⁶

Lacan responde essa pergunta dizendo que foi o que tentou explicar ao longo de seus seminários.

Mas a pergunta que me faço é a seguinte: uma relação intersinthomática entre analistas faria possível uma transmissão? Talvez a experiência do passe permita responder afirmativamente. Deixo assim... quem sabe no debate podemos recuperar algo disso.ⁱ

Aqui, somente posso dizer algo a partir do “ideal”, ou seja, das condições para que isso se produza. A primeira condição é operar com algo que teria sido colocado como suplência no lugar

46- “A transmissão” – Encerramento do 9º Congresso da Escola Freudiana de Paris. *Lettres de l'École*, 1979

“ Le rapport sexuel est un rapport intersynthomatique. C’est bien pour ça que le signifiant, qui est aussi de l’ordre du sinthome, c’est bien pour ça que le signifiant opère. C’est bien pour ça que nous avons le soupçon de la façon dont il peut opérer : c’est par l’intermédiaire du sinthome.

Comment donc communiquer le virus de ce sinthome sous la forme du signifiant ?”

da causa, isso que, pela experiência na análise pessoal e na clínica, facilita uma lalíngua comum que, em cada um, se conecta com aquela da qual surgiu sua subjetividade. Isso deveria tornar possível uma relação intersinthomática entre analistas. Além disso, podemos introduzir aqui também a dificuldade principal: a incompatibilidade entre certos gozos ou certas formas de gozar (o que vemos surgir em algumas experiências grupais).

Finalizo com duas citações de Nguyen, porque não consigo dizer melhor do que ele:

*Como se assegurar da transmissão desse saber a partir do momento em que a análise é, ao mesmo tempo, transmissível e intransmissível? Pego emprestado vários caminhos para isso: primeiro, como o significante e sua lógica, recorrendo ao matema e, em seguida, ao nó, à topologia e, finalmente, ao poema. Onde se mede essa possibilidade de transmissão de um saber novo, inédito para o sujeito, a não ser no passe, no trabalho coletivo (cartéis, congressos etc.)?*⁴⁷

*A questão dessa transmissão me parece tão crucial que a “skilnyapas” (oquenãohá) e ao “skilya” (oquehá) segue “oquehá que transmitir”. Essa questão da transmissão habita entre as consequências do skilnyapas (oquenãohá): isto é, essa garantia que falta, essa última palavra que falta e essa relação sexual que não pode se escrever, e as consequências de skilya: isto é, dizer que hádo Um e, se posso dizer, hádo Um e yaksa (éoquehá), o que dá a dupla perspectiva de contemplar a questão do ato na prática da análise hoje em dia e também a questão dos finais de análise à luz das contribuições de Lacan, que vão desde o passe ao poema e o acesso ao real. Podemos nos centrar sobre o real, mas é preciso saber que esse acesso está marcado pelo selo do impossível.*⁴⁸

Tradução: Maria Claudia Formigoni

ooo

i- Todos sabemos que precisamente a transmissão é a maior dificuldade do procedimento do passe. O próprio nome nos indica que algo passa ou não passa. Passa de onde para onde? De quem para quem? O que é isso que se espera que passe? Não seria por acaso algo da ordem daquilo que não pode ser dito em palavras, apesar de requerer esse meio para que isso passe? Falo tanto do que pode ser transmitido do encontro com o singular núcleo do gozo sobre o qual se funda o sinthoma quanto do ponto de emergência do desejo do analista (não sabemos muito bem como se dá essa transmissão, pois não há nenhum universal: os passadores, diversos em seus modos de transmitir ao cartel do passe aquilo escutado e aquilo ouvido do passante, sempre falam como um, único, singular).

47- Albert Nguyen, Op Cit, p. 185

48

Idem., p. 258 e 259